

## *O que falta*

A água que brotava do fundo, na nascente do rio Sucuri, espuma incessante, presságio de fecundidade, retrato da criação de todos os mundos, era força que vinha de dentro, lutando sem descanso contra a gravidade. O vento que soprava de fora, sobre as dunas de Genipabu, queimava o rosto com o estigma da intransigência, transformando o encontro do deserto com o oceano no lugar de um arrebatamento. O cerrado e a selva, rios desumanos e pedras primordiais passavam diante dos olhos, e coisas que vinham do centro da Terra e do começo do mundo e que, embora mortas, prometiam vida. Asseguravam, a preço da entrega da vontade ao inesperado, aquilo que desde criança me parecera necessário e impossível: o casamento da intransigência com a fecundidade. Era um incitamento e um libelo. Perturbado, acordei.

O que mais se discute no Brasil é dinheiro. Os brasileiros estão vergados sob seus fardos materiais. Deles escapam em suas famílias e diversões. O Brasil, assim como cada brasileiro, parece ter margem estreita de manobra.

Os brasileiros estão enganados. Nosso problema não é só dinheiro: é, também, a falta, tanto entre ricos e doutores quanto entre pobres e iletrados, da idéia da grandeza e da experiência da esperança. Sem essa experiência e essa idéia, não há como lutar contra as forças e as ilusões da época, nem como impedir a redução da política à barganha impotente entre os interesses organizados. Não há, sequer, como evitar a morte em vida. Os brasileiros estão acorrentados tanto pelo desespero econômico quanto por uma concepção diminuída de si mesmos.

Nenhum dos países que admiramos hoje como exemplo engrandeceu-se trilhando, obediente, o caminho indicado pelas potências hegemônicas no período em que emergiu. Uma crise como a que vivemos hoje pode ser resolvida de uma maneira que nos mantenha na rota de integração subalterna à economia mundial ou que nos permita dar os primeiros passos à busca de soluções que, interessando a nós, também interessem a uma humanidade sedenta de alternativas. De onde vem a energia para isso?

Há cinco requisitos. O primeiro requisito, preliminar, é que se desarmem dilemas empobrecedores como o que opõe agora a estabilidade da moeda ao desenvolvimento do país, pela mobilização dos recursos nacionais e pelo refinanciamento do Estado. O segundo é que se dê a cada criança brasileira educação libertadora, centrada no domínio de capacidades conceituais e práticas. O terceiro é que se quebre um sistema de mídia que virou máquina de mentira. O quarto é que se formem instituições econômicas que descentralizem radicalmente o acesso às oportunidades e aos recursos produtivos. O quinto é que se estabeleçam instituições políticas que mobilizem a cidadania para dobrar as corporações e controlar o Estado enquanto resolvam rápida e democraticamente os impasses produzidos por tentativas de mudanças.

A dificuldade é que para começar a andar nessa direção já precisamos nos sentir grandes. Como romper esse círculo de dependência recíproca entre o espírito e as instituições? Em parte aproveitando o acaso de crises como a atual que abrem as cabeças para a rebeldia nacional porque aumentam o custo do conformismo brasileiro. E em parte pelo contágio de exemplos individuais de resistência e afirmação. Um só homem que pensa por si e fala por muitos, dizendo o que sente e não o que se espera que diga, é um governo e uma revolução.